

H I S T Ó R I A

& U T O P I A S



ORGANIZAÇÃO
Ilana Blaj
John M. Monteiro

A N P U H

Associação Nacional de História

HISTÓRIA & UTOPIAS

*Textos apresentados no XVII Simpósio
Nacional de História*

Organização
John Manuel Monteiro
Ilana Blaj

A N P U H

Associação Nacional de História

1996

A UTOPIA EM CHARLES FOURIER

Ivonne Cecília D'Avila Gallo
Pós-Graduação em História, UNICAMP

De Platão a Marx, o sonho de uma sociedade perfeita compreende sobretudo uma reflexão do homem sobre os seus feitos no tempo. Não importa a forma que assuma a utopia — seja uma ilha perdida num tempo distante, como imaginou por exemplo, o primeiro utopista moderno Thomas Morus, seja a realização no futuro próximo de uma correção do tempo presente, como intentaram os chamados socialistas utópicos — sempre encontraremos um traço comum nesta literatura que é a tentativa de reconstrução do mundo e das relações sociais fundamentadas no relacionamento harmônico entre os homens e entre estes e a natureza.¹

Não é por acaso que o termo utopia, derivado de uma origem grega “*outopos*”, significa tanto “o bom lugar” como “lugar nenhum” pois seja por um ou por outro significado, tal nome leva a refletir principalmente sobre idéias relacionadas também a um espaço. No caso das utopias imaginadas em lugares distantes, inexplorados do ponto de vista de quem as projeta, notamos que a referência a lugares e tempos desconhecidos só pode ser compreendida na sua dimensão mais profunda como uma analogia do tempo idealizado e perfeito com o presente experimentado como imperfeição. Existem portanto dois movimentos principais dentro do pensamento utópico: o da crítica ao presente e a partir disto, a convicção inabalável na realização daquilo que não é impossível, porém exequível apenas na medida em que se desloca do contexto presente, este compreendido como a negação da potencialidade virtual da idéia.

Se em raríssimos momentos na história o homem identificou o seu presente com a experiência paradisíaca ou com a idade de ouro, e quando o fez logo se deparou com o caráter transitório dos benefícios alcançados, tendemos

1 Para uma caracterização geral das utopias ver Ugo Fideli, “Un Viaggio alle ‘Isole Utopia’”, *Ivrea: Quaderni del Centro Culturale Olivetti*, jan.-fev. 1958.

sobretudo atualmente a relegar a utopia ao mundo quimérico das idéias, geralmente incapazes, por mais sedutoras que sejam, de sua plena realização em formas concretas. Imaginamos o movimento da história como alheio à nossa vontade e a idéia de tempo adquire um sentido grego de tempo *edax*, implacável. Talvez a força da utopia resida no lugar mesmo da incredulidade, pois ela nada mais intenta do que o rompimento com o tempo presente substituindo por um outro tempo, o da felicidade, muito mais duradouro ou mesmo eterno. Os utopistas têm esta capacidade de se sobreporem a todos os tempos para lançar um olhar equidistante sobre a história, penetrando as suas profundezas insondáveis, revelando os seus segredos, paralizando a corrente irrefreável do tempo.

Mas o nosso objetivo aqui não é o de tratar a utopia na sua generalidade, nem na sua pluralidade, senão o de despertar de um sono profundo a crítica à civilização elaborada no século XIX por Charles Fourier.

Nascido em Besançon em 7 de abril de 1772, filho de um comerciante local de tecidos, profissão que chegou a exercer depois, contrariado e impelido pela necessidade de sobrevivência, pois não podia ocultar o desprezo que sentia por uma atividade cujo sucesso dependia de “comprar por três francos o que vale seis e vender por seis francos o que vale três”.²

Vivendo num período conturbado como foi o fim do século XVIII e início do XIX, Fourier presenciou em Lyon, as cenas mais chocantes da degradação moral do seu tempo. Influenciado pelas idéias iluministas e sobretudo pelo pensamento de Rousseau no que tange a concepção da humanidade conhecida como naturalmente boa, porém pervertida pelas instituições, era mesmo de se esperar que se mostrasse inconformado diante das crueldades que presenciou. Não podia compreender como o progresso, presumido como uma idéia positiva, gerasse, já no embrião do capitalismo, a miséria e a perversidade.

Uma marca forte no pensamento de Fourier foi deixada pela experiência amarga do Terror de 1793, quando foi encarcerado e recrutado para o Corpo de Infantaria. É portanto, dentro deste contexto conflituoso que devemos interpretar a inocuidade, no pensamento deste utopista, da idéia de Revolução como instrumento positivo de inauguração de mudanças. Evidentemente, a sua teoria assume um caráter revolucionário, porém a repulência num plano mais geral à toda forma de violência é uma preocupação constante deste pensador. É fato conhecido que durante a infância chegou a “levar surras terríveis em defesa de colegas menores e que aos sessenta anos de idade” saiu em defesa de uma criada que “segundo lhe haviam dito, era maltratada pela patroa (...)”³

2 *Enciclopédia Barsa*, vol. 6.

3 Edmund Wilson, *Rumo à Estação Finlândia: escritores e atores da história*, São Paulo, 1986, p. 87.

Tudo isto contribui para compreendermos a razão pela qual Fourier se declara, depois da experiência da Revolução, como um pacifista e como um pensador da liberdade e do amor.

Embora trabalhasse com afinco no desenvolvimento de sua teoria e procurasse adeptos interessados na execução de seu projeto de sociedade, suas idéias não foram bem acolhidas no seu tempo. Mas ele próprio na sua *Théorie des Quatres Moviments et des Destinées Générales* já havia alertado os seus possíveis leitores sobre o desprestígio a que os visionários estão sujeitos, do escárnio sofrido por ele como sofrera também Colombo e outras personagens cujas idéias operaram mudanças significativas na concepção do mundo. Possuía uma visão clara dos visionários como figuras localizadas além do seu tempo e escreveu: “(...) é um contra tempo que persegue todo inventor, ele deve esperar ser perseguido na proporção da magnificência da sua descoberta, sobretudo se ele é um homem profundamente obscuro, e que não esteja recomendado por nenhuma produção anterior aos conhecimentos cujo acaso lhe entrega a chave (...)”⁴ Cristóvão Colombo “foi ridicularizado, difamado, excomungado durante sete anos, por ter anunciado um mundo continental, não devo eu esperar as mesmas desgraças anunciando um novo mundo social?”⁵ Este prognóstico de Fourier vem se cumprindo repetidas vezes na história e porque não é raro o fato de deslocarmos o sonho da ação e a partir disso identificarmos a realidade com a fatalidade. Sob a perspectiva do sonho sem função a vida se resume a um mero ciclo de nascimento e morte, de repetição, pois “não se vê que fora da “idéia” a vida é um círculo vicioso que se fecha em si mesmo”.⁶

O pensamento de Fourier desafia aquele princípio, produzindo uma fonte incessante de idéias ativas destinadas a um cumprimento em tempo breve na história. O caminho que trilhou nos iniciando num novo mundo exige entretanto, da humanidade o total despojamento dos preceitos morais conhecidos que são a origem do mal e dos infortúnios.

A sua crítica à civilização é constituída dentro de uma linguagem irônica, característica do século XIX, e plena de neologismos chegando a contrariar as regras gramaticais de gênero onde o masculino predomina sobre o feminino, inventando novas palavras no masculino derivadas do feminino como por exemplo a palavra *bonne*, boa em francês, corresponde a *bonnin* no masculino

4 Charles Fourier, *Oeuvres Complètes*, tomo 1, *Théorie des Quatres Mouvements et des Destinées Générales*, 3ª ed., Paris, 1846, p. 21.

5 *Ibid.*, p. 23.

6 Gabriel Dromard, *Le Rêve et L'Action*, Paris, 1919, pp. 223-4.

ao invés de *bon*.⁷ A linguagem é também utilizada como um artifício que permite entrever o modo de desarmonia assimétrica como se desenvolve a civilização que tem como uma das pilastras principais a sujeição da mulher.

A dimensão histórica do pensamento de Fourier é bastante complexa saltando do plano terrestre para um plano cósmico. Num ponto mais tangível à nossa percepção, a sua crítica à civilização, tanto quanto a descrição do novo mundo da Harmonia se inserem numa contagem do tempo particular. Existem trinta e dois estágios subdivididos em quatro fases. A primeira delas é a da “infância” ou “incoerência ascendente”, começando com o que chama de Edenismo cuja duração é de cinco mil anos. Cinco períodos de infortúnio sucedem a primeira fase conhecidos como as idades da perfídia, injustiça, contrariedade, pobreza, revolução e doenças. Estas idades são: Selvageria, Patriarcado, Barbarismo e a Civilização. O período da infância da história da humanidade termina com a chegada de outros dois períodos transitórios, o Garantismo e Sociantismo ou associação simples quando poderão ser operadas mudanças na organização econômicas e nos costumes sexuais fundamentais para a constituição plena das Falanges e do reino da Harmonia. A fase de “harmonia ascendente” cuja duração será de trinta e cinco mil anos, culminará na mais completa felicidade. A partir disto o mundo declinará gradualmente até chegar à sua fase caduca de tal modo que voltaremos da Harmonia ao caos. Depois de oito mil anos termina a vida vegetal e animal na terra e o planeta cessa seu movimento em torno do seu eixo.⁸

Cada período da história é marcado por comportamentos sexuais determinando o contexto social, diferente daquilo que Marx descobriria mais tarde sobre a determinação do processo histórico pelas relações de produção. Para Fourier, no Barbarismo predomina a servidão completa da mulher, na Civilização o casamento exclusivo e as liberdades civis da mulher, porém não a amorosa, no Garantismo haverá a corporação amorosa onde a mulher usufruirá de certa liberdade sexual. O contínuo da história parece primordial para que o estado futuro de harmonia possa ser pensado. A Civilização, ao criar a indústria de larga escala, as ciências abstratas, criou os meios necessários para atingirmos a etapa da associação. Neste contínuo, cada período traz em si os elementos que provocarão o seu desgaste, momento a partir do qual tenha completado o desenvolvimento integral das suas características essenciais. O ponto de referência na mudança dentro da história permanece centrado na atração, isto é, a adoção na Civilização da

7 Michel Butor, “Préface”, in: Charles Fourier, *Le Nouveau Monde Industriel et Sociétaire*, Paris, 1973, p. 18.

8 Charles Fourier, *Théorie des Quatres Moviments*, *op. cit.*

cooperação amorosa nos levaria para o Garantismo, assim como se os Bárbaros tivessem adotado a monogamia desembocaria na Civilização.⁹

Uma tal visão da história pareceria absurda se dela não pudéssemos depreender algumas coisas. Em princípio, uma identidade apenas aparente com a visão bíblica da história, pois Fourier não promete a felicidade eterna, ao contrário, tudo que está estabelecido é antes de mais nada transitório. Se tudo é transitório, a Civilização, tomada pelos iluministas como ápice da história, nada mais é do que sua fase de infância, cheia de imperfeições. Evidentemente, nenhuma mudança seria justificável se não estivesse reservada à humanidade muito mais longo de tempo de harmonia e felicidade do que é o tempo de queda e imperfeição e é objeto de atenção especial de Fourier a saída do caos da Civilização e a entrada numa nova era de plena realização das paixões. Como não existe a preocupação com o fim, mas com o começo, sua visão de história acentua o lado positivo e extremamente otimista da trajetória humana. Mesmo sobre a perspectiva do fim predomina o otimismo pois a alma humana gozará ao se desprender do corpo de um número determinado de vidas futuras, mais plenas, em outros planetas.

Quando especula sobre o cosmo, Fourier intenta demonstrar, na verdade, quão estreita é a visão dos sábios ao limitar as possibilidades humanas apenas ao que é conhecido e tangível. Utilizando o método da dúvida do ponto de vista da sua utilidade e não do seu absurdo, compreende o Universo como um grão de areia na vastidão inexplorada do cosmo, onde existem Biniversos, Triniversos, Decuniversos e a infinitude do Poliverso, com planetas e satélites que têm vida se combinam e se reproduzem influenciando, pelo desprendimento de aromas, no nosso planeta.¹⁰

A Cosmogonia de Fourier vai operar portanto, de um modo diverso das inúmeras cosmogonias restritas à divagações sobre os astros; ao contrário, trata-se de avaliar a função dos astros e a influência que exercem sobre o nosso globo. O centro desta cosmogonia são os próprios homens “cosocietários de Deus na direção dos astros, e investidos por ele de uma influência colossal sobre estas enormes criaturas”.¹¹ Todo conhecimento adquirido até o momento ao negar esta premissa se funda na superstição e na pequenez e incapacidade do homem para descobrir as leis da natureza. Mais uma vez a ironia do discurso deste utopista ilustra a medida do erro dos sistemas filosóficos que especulam sobre “os destinos do homem em razão da sua

9 Jonathan Beecher, *Charles Fourier: the visionary and his world*, Berkeley, 1986, pp. 318-30.

10 Charles Fourier, “Cosmogonie”, in: *Oeuvres Completes de Charles Fourier*, tomo XII, *Manuscrits Publiés par la Phalange*, Paris, 1968.

11 *Ibid.*, p. 4.

estatura”, e negando que a inteligência e demais faculdades dos homens possam ser medidas pela dimensão física dos seres, afirma que “se aquilo fosse, uma baleia deveria ter mil vezes mais espírito que cada um dos nossos sábios”.¹² A metafísica providencialista de Fourier brota dos próprios limites da filosofia do iluminismo, construída sobre uma crítica ao cristianismo e seus dogmas porém, ao fazê-lo resvala para um elogio à civilização justificando os seus mecanismos repressivos, retirando do homem a essencialidade do humano, regulando as suas ações pelo preconceito e pela moral inibidora das paixões.

Aos homens entretanto, estaria reservado um destino muito mais glorioso do que se imagina e não poderia ser diferente se “nós temos necessariamente participação na potência de Deus e cooperação direta com ele na regência do universo”.¹³ Esta lei de correspondência dos extremos não foi inventada por Fourier, mas se encontra, como afirma, na própria natureza, onde tudo está ligado. Esta lei é fundamental na sua teoria da atração apaixonada, uma aplicação e aprimoramento da teoria newtoniana da atração gravitacional, voltada para a ordem social. O princípio que rege esta teoria é o da existência de uma identidade indissolúvel entre o universo, o homem e Deus. Dentro deste esquema trinitário, Deus, tomado também como espírito, funciona como um princípio ativo e motor, seguido pela matéria (passivo, movido), e depois pela justiça ou matemática, que regula todo movimento, daí ser compreendida como instrumento de Deus na sua relação com o mundo. Se existe uma lei na natureza regulando o movimento dos astros e estrelas, a felicidade do homem, intuito principal de Deus, que é um ser justo, depende de encontrar uma lei análoga à do mundo físico, para o mundo social.

Fourier se gaba desta descoberta, que é a lei da atração universal, único caminho para libertar o homem dando vazão às paixões reprimidas. A humanidade só será plena e produtiva pelo aproveitamento máximo das paixões, estas as verdadeiras condutoras do comportamento humano.

No sistema societário de Fourier tudo é passível de cálculo, porque é um modo eficaz de juntar num todo, todas as suas partes diferentes — não existe igualdade no sistema de Fourier —, combinar extremos opostos. A obsessão pelo cálculo penetra em todos os campos, desde a sua teoria das paixões, passando pelo modo de organização do trabalho e do lazer pelas “séries apaixonadas”, chegando mesmo às classificações mais minuciosas, por gênero, idade, dos temperamentos humanos, das manias. Porém, a base de todo seu sistema se dirige para as paixões radicais que são doze, além da décima terceira, inexistente na civilização que é a uniteísta. Usando como analogia

12 *Ibid.*, p. 5

13 *Ibid.*

uma árvore, Fourier descreve o seu tronco comparando-o à paixão uniteísta que é a harmonia e a síntese de todas as paixões. Os galhos da árvore estariam divididos em três ramos principais. O primeiro se subdivide em cinco que são os cinco sentidos, ou as paixões dirigidas às coisas, ou luxúrias, dado o seu vínculo indissolúvel à capacidade de aquisição material, capacidade que a civilização destina apenas aos ricos. O segundo galho se subdivide em quatro, formando as paixões afetivas: a amizade, o amor, a ambição, e o familismo. Estas paixões se dirigem às pessoas e tem a capacidade de reuní-las em grupos. O terceiro galho representa as três paixões distributivas: a cabalística, a borboleta e a compósita. A primeira é a da intriga, estimulante da rivalidade, necessária para dinamizar as pessoas nas suas atividades. A segunda determina a nossa vontade de esvoaçar de prazer em prazer, por isso no reino da harmonia ninguém se dedicará à uma mesma tarefa por mais de uma hora e meia ou duas horas. A compósita é a paixão mais estimada por Fourier pois ela “cria as concordância de entusiasmo. Não seria suficiente o impulso de cabala, ou espírito de partido, para eletrizar os grupos nos seus trabalhos: é necessário colocar em jogo os dois contrastes, o élan refletido da Cabalista, e o élan cego da Compósita, que é a mais romântica das paixões, a mais inimiga do raciocínio (...) ela nasce da reunião de vários prazeres dos sentidos e da alma, experimentados simultaneamente”.¹⁴ São estas paixões distributivas responsáveis pelo equilíbrio dos nove restantes, permitindo o funcionamento das séries apaixonadas, engrenagem essencial do princípio de associação que rege a comunidade ideal de Fourier.

Todo este engenho do pensamento calculado milimetricamente tem seu impulso principal no desejo incontido de ordenação do caos social, realizando um tempo perfeito, o da felicidade, num espaço perfeito, o da comunidade. A integridade de cada indivíduo só encontra a plena realização nesta confluência do aqui com o agora, quando e onde cada um é, aquilo que representa no coletivo. É esta potência arrebatadora do amor o fundamento da libertação do homem e da mulher, entrelaçando extremos opostos, procedimentos necessário para a realização de um novo mundo e um novo cosmo, perfeito, sadio e harmônico, o reino do luxo e da fartura como o verdadeiro destino da humanidade.

Texto apresentado na sessão As Utopias da Razão e suas Perspectivas da História, 20/7/1993.

14 Charles Fourier, *Le Nouveau Monde Industriel*, op cit., p. 114.